

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Vejamos, perfeitamente ao acaso, uma inscrição estudada num e noutro lado: o epitáfio de *Caecilia Primitiva*, de Valência (nº 50 em ambos os *corpora*). A leitura é a mesma; as dimensões diferem, no que concerne à espessura (36 e 39); o rol bibliográfico é mais extenso em Corell. Mas a sequência de apresentação dos textos não é a mesma, tanto que o nº 66 de Corell é CILII²/14 36 e, aqui, já há diferentes leituras do gentílico da dedicante - *Lettia* (CIL) e *Leteia* (Corell).

Voltemos à análise de CIL²/14.

O esquema de cada ficha - redigida em latim - é idêntico ao que se adoptara no século XIX: número identificativo seguido do tipo de inscrição, breve descrição do monumento, local de achado e paradeiro, leitura interpretada, bibliografia, variantes de leitura e sucinto comentário. Traz cada uma, em iniciais, a identificação do responsável pela sua elaboração.

Como já assinali em relação ao fascículo dedicado ao *conventus Cordubensis*, trata-se, também aqui - e, inclusive, pelas razões que deixamos transparecer - de um instrumento de trabalho doravante imprescindível, cuja verdadeira utilidade os índices sobremaneira virão potenciar e será com o uso que os dados ora apresentados irão suscitando outras problemáticas.

Estamos, não há dúvida, perante uma epigrafia predominantemente urbana; vemo-lo na tipologia dos monumentos (aras, placas, inscrições monumentais), na onomástica das personagens (raro parece ser o traço de indigenismo e frequente a antroponímia de raiz grega, a indiciar a presença de libertos). É, mesmo sem análises de pormenor, uma epigrafia datável, em larga percentagem, dos primórdios da ocupação romana peninsular: vejam-se as estelas de topo arredondado (v. g., nºs 240, 415, 522 e 642), a gravação por meio de goiva (nº 779), a ausência de *cognomen* (nº 433) e, a ajuizar pelas fotografias apresentadas, a ausência também de elementos decorativos.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Histoire et Archéologie de la Péninsule Ibérique Antique. Chroniques Quinquennales, 1968-1987. Publications du Centre Pierre Paris (UA 99 I), nº 24. Diffusion de Boccard, Paris, 1993. 644 pp.

Editado por Robert Étienne e por Françoise May et, com a colaboração de Isabelle Morand, inclui este volume as crónicas bibliográficas que, desde 1968, os investigadores do Centre Pierre Paris foram efectuando e oportunamente se publicaram na *Revue des Études Anciennes*.

Como unidade de investigação do CNRS na Universidade de Bordéus III, no

âmbito da Arqueologia e da História Antiga, este Centro, depois de um período em que o Norte de África reclamou o seu interesse (recorde-se a publicação de Robert Etienne e Georges Fabre sobre o cemitério dos *officiales* de Cartago - in *Recherches sur les Structures Sociales dans l'Antiquité Classique*, Paris, 1970, 81-97 - ou urna monografia sobre *Vollubilis* da autoria de R. Étienne - *Le Quartier Nord-Est de Volubilis*, Paris, 1960 - ou, ainda, o trabalho de A. Jodin também sobre a *Volubilis* pré-cláudia), voltou as suas atenções, na década de 60, para a História Antiga peninsular, na sequência, aliás, do interesse a ela votado pelo seu patrono Pierre Paris (*L'Espagne de 1895 et 1897, Journal de Voyage*, Paris, 1979).

Em Portugal, foram encetadas escavações em *Conimbriga*, um projecto luso-francês; em Espanha, houve trabalhos arqueológicos em *Baelo*, para me referir apenas a um dos mais relevantes, e missões “epigráficas” a Mérida (cujo resultado não viu ainda a luz do dia), a Lugo (E Arias Vilas, P Le Roux e A. Tranoy, *Inscriptions de la Province de Lugo*, Paris, 1979), à região da Catalunha (de que resultaram os três primeiros volumes das *Inscriptions Romaines de Catalogne*, Paris, 1984, 1986 e 1991, da responsabilidade de Georges Fabre, Marcos Mayer e Isabel Rodà).

Foi também no âmbito dessa colaboração que boa parte desses investigadores acabaram por fazer, sobre temática hispânica, as respectivas teses de doutoramento, a exemplo do volume clássico, de Robert Étienne, sobre o culto imperial (Paris, 1958, reimp. 1974); Françoise Mayet sobre a cerâmica dita “de paredes finas” e, mais tarde, sobre a chamada *terra sigillata*; Jean Gérard Gorges sobre as *villae*; Alain Tranoy sobre a Galícia; Patrick le Roux sobre o papel do exército hispânico; Claude Domergue sobre a mineração; Pierre Sillières sobre as vias da Hispânia meridional. E não só na área do romano, porque André Coffyn estudou o que chamou o “Bronze Final Atlântico” e Pierre Rouillard a influência grega.

Todos esses trabalhos foram publicados na colecção em que se integra a obra alvo desta recensão.

Acrescente-se, porém, antes de entrarmos propriamente na análise do conteúdo do volume e, até, para que ele melhor se entenda, que, entre nós, depois de *Conimbriga*, houve o projecto de S. Cucufate e, hoje, a Missão Arqueológica Francesa em Portugal ocupa-se da zona do Sado; ou seja, depois dum itinerário urbano, passou-se a um itinerário rural e estamos agora num itinerário industrial e marítimo, para nos fazermos eco da terminologia usada na obra *Itinéraires Lusitaniens* (Diffusion E. de Boccard, Paris, 1997).

Há, pois, uma tradição de quase quarenta anos de investigação e não admira, portanto, que o Centre Pierre Paris possa ter investido muito em bibliografia, especializando-se precisamente na Arqueologia e na História Antiga da Península. Nesse sentido, preconizou-se que, de cinco em cinco anos, os seus investigadores, compulsando as publicações a que tinham acesso, fizessem o ponto da situação da pesquisa histórico-arqueológica, nos vários domínios em que eram peritos.

O volume em apreço reúne, como que em separata, essas “crónicas”. Simplesmente, o grande mérito do trabalho reside em que se procedeu a uma unificação, agrupando as sínteses temáticas anuais em cinco grandes áreas: obras gerais, Pré-história e Proto-História, Hispânia Pré-Romana, Hispânia Romana, Hispânia Cristã e Visigótica. Inclusive as notas sofreram nova numeração.

O índice geral é suficientemente pormenorizado para que, num ápice, se encontre o que se pretende; mas, além dele, foi elaborado o índice dos autores citados (pp. 569-599) e o índice dos topónimos referidos (pp. 601-633), que são identificados por um número (há 1248 números) na carta anexa no final.

Para dar uma ideia do acervo de documentação aqui apresentada - pois que sobre cada tema se elabora uma síntese crítica, com base nos dados disponíveis - vejamos, a título de exemplo, o conteúdo do livro IV, sobre a época romana: depois de um primeiro capítulo (pp. 159-308) sobre as fontes (literárias, epigráficas, numismáticas, cerâmica e vidro, arqueologia), entretecem-se as várias “histórias” (pp. 309-432): política, militar e administrativa, religiosa - todas elas subdivididas nos temas fundamentais.

No fundo, não se trata exactamente de uma resenha bibliográfica: é, sobretudo, uma sistemática e cuidada reflexão feita por especialistas sobre as novidades que a bibliografia, ano após ano, foi apresentando. Bastará este facto para nos congratularmos com a sua publicação, tão evidente se toma a sua utilidade.

Um senão apenas, que já vai sendo normal: a incapacidade sobejamente demonstrada pelos franceses para compreenderem, duma vez por todas, que, numa lista, só os autores espanhóis se alfabeta pelo penúltimo apelido; todos os outros devem citar-se pelo último. Portanto, atenção: se quiser saber se a Dra. Maria da Conceição Lopes está referida, terá de procurar não em Lopes (como deveria ser) mas em Conceição Lopes; o Professor Armando Coelho Ferreira da Silva vem em... Coelho Ferreira da Silva (!); Jeannette Ulrica Smit Nolen, em Smit Nolen; Nelson Correia Borges, em Correia Borges; e assim por diante.

Registe-se, finalmente, com agrado, a capa escolhida: um pormenor das prateleiras da biblioteca do Centre, com as revistas peninsulares devidamente encadernadas. Na verdade, ainda hoje, o Centre Pierre Paris (agora designado AUSONIUS - Institut de Recherche sur l'Antiquité et le Moyen-Âge) dispõe de urna das bibliotecas mais bem apetrechadas sobre a Arqueologia e a História Antiga peninsulares e um estácio nas suas instalações constitui oportunidade ímpar de investigação.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO